

COMISSÃO DE CULTURA

PROJETO DE LEI Nº 250, DE 2024

Inscreve Xica Manicongo, a primeira travesti brasileira, no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

Autora: Deputada ERIKA HILTON

Relatora: Deputada LÍDICE DA MATA

I - RELATÓRIO

O Projeto de Lei nº 250, de 2024, inscreve Xica Manicongo, a primeira travesti brasileira, no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

O projeto foi distribuído às Comissões de Cultura e Constituição e Justiça e de Cidadania (art. 54 RICD).

A apreciação da proposição é conclusiva pelas Comissões e seu regime de tramitação é ordinário, conforme o art. 24, inciso II e art. 151, inciso III, ambos do Regimento Interno da Câmara dos Deputados (RICD).

É o relatório.

II - VOTO DA RELATORA

O Projeto de Lei nº 250, de 2024, inscreve Xica Manicongo no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. Há, na História do Brasil, figuras cuja coragem e resiliência moldaram a nação que conhecemos hoje. Entre esses personagens históricos, surge Xica Manicongo. Sequestrada no Congo e trazida ao Brasil como escravizada, ela é reconhecida como a primeira travesti não indígena da história do País.



No século XVI, Xica Manicongo foi vendida a um sapateiro em Salvador, Bahia, onde enfrentou a opressão e a crueldade do Brasil Colônia. Em 1591, foi denunciada ao Tribunal do Santo Ofício, a conhecida Santa Inquisição, acusada de pertencer a uma “quadrilha de feiticeiros sodomitas”.

Xica Manicongo se recusava a usar as vestimentas masculinas impostas pelos colonizadores, preferindo vestir-se conforme os jimbandas de sua terra natal. Este ato de resistência custou-lhe caro. Denunciada e acusada de sodomia, ela foi coagida a mudar sua forma de se vestir para evitar a terrível pena de ser queimada viva em praça pública – a punição então destinada àqueles condenados por sodomia, um crime equiparado ao de lesa-majestade segundo as Ordenações Manuelinas, vigentes à época.

A perseguição a que foi submetida reflete a brutal criminalização de sua identidade, uma realidade que, infelizmente, ainda persiste no Brasil. Nosso País continua a ser o líder mundial no assassinato de pessoas trans e travestis, perpetuando uma violência que ecoa os horrores do passado.

O registro da existência de Xica Manicongo deve-se às pesquisas de Luiz Mott nos documentos inquisitoriais dos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa. A militante travesti negra Marjorie Marchi, que presidiu a ASTRA-Rio (Associação de Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro), atribuiu-lhe postumamente o nome "Xica".

Em uma sociedade que ainda marginaliza e persegue travestis e pessoas trans, a memória de Xica Manicongo ressurge no século XXI como um farol de luta e esperança. Sua história inspira movimentos contemporâneos a continuar a batalha pela cidadania plena e pelo reconhecimento das identidades de gênero diversas. Assim, Xica representa a força coletiva de uma comunidade que se recusa a ser apagada ou silenciada.

Em 2025, a Paraíso do Tuiuti, escola de samba do Rio de Janeiro, prestará homenagem a Xica em seu enredo de carnaval. Jack Vasconcelos, carnavalesco da escola, descreve de forma poética e poderosa: "Muito antes da cruz do homem branco rasgar o ar das terras africanas, sacerdotes já cultuavam os antepassados no Reino do Congo, onde ela nasceu



varão. Predestinada." Ao levar essa história para a avenida, a Paraíso do Tuiuti celebra a existência e a resistência de Xica, cuja força transcendeu as rígidas barreiras de um Brasil colonial e escravocrata, ao mesmo tempo em que destaca a luta contínua das pessoas trans no Brasil contemporâneo.

Também ao inscrever o nome de Xica Manicongo no Livro de Heróis e Heroínas da Pátria celebramos a trajetória de todas as travestis e pessoas trans que lutam diariamente contra o preconceito, a violência e a criminalização de suas identidades. Este ato é um passo crucial na construção de uma memória oficial inclusiva, que reconhece e honra a diversidade de nossos heróis e heroínas.

Parabenizamos a Deputada Erika Hilton, ela mesma uma mulher negra e trans, pela iniciativa de apresentar a Proposição sob análise. Assim como Xica Manicongo enfrentou a opressão de seu tempo, Erika Hilton hoje ocupa o parlamento, quebrando barreiras, desafiando preconceitos e dando continuidade à luta pela visibilidade e pelos direitos das pessoas trans no Brasil.

Diante do exposto, nosso voto é pela aprovação do PL nº 250, de 2024.

Sala da Comissão, em de de 2024.

Deputada LÍDICE DA MATA
Relatora

2024-7296

